



Interacção entre Historiadores e Diplomatas no Objectivo Comum de Aumentar o Conhecimento da História das Relações entre Portugal e a Ásia do Sudeste

Ensinamentos Retirados das Comemorações dos 500 Anos de Relações entre Portugal e a Tailândia

JORGE TORRES PEREIRA*

O tema deste Colóquio Internacional “Relações entre Portugal e o Sudeste Asiático: 500 Anos de História” contém em si mesmo referências às duas áreas de cuja interacção pretendemos tratar. Com efeito, quando se fala das relações de Portugal entra-se inevitavelmente no campo da diplomacia (pelo menos na definição estrita em que os intervenientes são agentes do Estado) e, por outro lado, o trabalho de estudar esse relacionamento, produzir cientificamente sobre o material recolhido, é evidentemente a área de historiadores e historiógrafos. O trabalho dos historiadores na investigação é fundamental enquanto umas comemorações históricas permitem de forma aplicada apresentar o corolário desse labor científico. Neste campo das comemorações é relevante uma cooperação mutuamente enriquecedora entre diplomatas e historiadores.

Dá-se a circunstância feliz de termos acabado de comemorar, na Tailândia e em Portugal, esse número redondo que impressiona, de 500 anos de relacionamento entre os dois povos. Do ângulo da embaixada em Banguetocque, neste ano e tal de comemorações, ficou claro o contributo para a diplomacia e para a investigação histórica que umas comemorações de envergadura representam.

As comemorações no Sião constituíram também um caso exemplar de estudo porque o peso da “bagagem” com que nos apresentamos aos tailandeses, quer às autoridades quer ao público em geral, é quase nulo, em termos de condicionantes negativos.¹ Não há, como porventura em outras paragens, uma hipersensibilidade que decorra duma experiência colonial recente, por exemplo, nem o país-alvo tem uma narrativa contemporânea a defender que obrigue a cuidados especiais entre as partes. Não temos também poder económico ou arrogância civilizacional que se possa traduzir por freios ou inibições à comemoração de eventos históricos que se passaram, em muitos casos, há tempo suficiente para não levantar as mesmas procelas e o mesmo combate ideológico que ainda perdurará por algum tempo, naturalmente, noutras paragens.

* Licenciado pela Faculdade de Medicina, onde também leccionou, ingressou na carreira diplomática em 1987, sendo actualmente o embaixador de Portugal em Pequim.

Graduate from the Faculty of Medicine of Lisbon, where he lectured, he joined the Portuguese Foreign Service in 1987, and is currently the Ambassador of Portugal in Beijing.

DIPLOMACIA

No final da digressão que se segue pelas comemorações na Tailândia dos “500 Anos” aludiremos aos outros países do Sudeste Asiático que pertencem à esfera de competência da Missão em Bangucoque: Myanmar, Camboja, Laos, Malásia e Vietname. Nestas outras paragens há também muito a justificar comemorações e muito em que a história pode ajudar a diplomacia no seu trabalho. Em última análise, este Seminário poderia ser encarado como a oportunidade dum grande *brainstorming* sobre aquilo que se poderá comemorar e sobre a forma mais apropriada e mais correcta, do ponto de vista historiográfico, de o fazer.

Uma digressão prévia justifica-se. Não há ocupante da missão portuguesa em Bangucoque, desde os tempos de posto consular e feitoria, até aos de Embaixada com plenipotenciário residente, passando por Legação, que não tenha sentido a atracção pela historiografia amadora. Quem chega a Bangucoque incumbido de representar o Estado português muito cedo se apercebe do peso da História e do quinhão importante que irá ser atribuído à dimensão cultural na sua actividade. Assim que se refrescam leituras sobre o que andámos a fazer por estas paragens, em particular pelo Sião (Tailândia), pelo Pegu, por Arracão, pelos territórios onde residiam povos Khmer e Laos, pela Cochinchina (Vietname) e pela península malaia, descobre-se que todo o diplomata em posto em Bangucoque acabou por se interessar pela presença portuguesa na Ásia e se envolver com a historiografia.

Há, aliás, mesmo uma tendência para a intrusão no campo próprio da historiografia ou, pelo menos, da compilação histórica. Joaquim Campos, nos anos 30, como anotou, entre outros, Rita Bernardes de Carvalho,² foi cônsul em Bangucoque de 1935 a 1938 e tinha também a incumbência de estudar “os feitos portugueses naquelas paragens do Oriente”. Como ensinamento a assinalar, o ter publicado em inglês aumentou a disseminação da sua obra sobre os portugueses na Tailândia.³ Um seu antecessor, no final século XIX, o cônsul Frederico António Pereira, representante no Sião de 1886 a 1890, entregou-se a um exercício semelhante.⁴ Em 1961, o então Encarregado de Negócios interino em Bangucoque, Inácio Rebello de Andrade, ocupou-se a elaborar uma compilação sobre a História dos Portugueses no Sião mas pondo-a no contexto regional, que hoje diríamos do Sudeste Asiático.⁵

Numa acepção mais lata do que entendemos por diplomatas, temos um contributo notável, de 1889,

do secretário do ministro plenipotenciário Firmino J. da Costa, descrevendo a visita deste ao Sião para apresentação de credenciais,⁶ antecedido, aliás, do trabalho de José Maria da Fonseca, segundo-tenente de Armada, secretário da Missão Extraordinária a Bangucoque, em Janeiro de 1859, do ministro plenipotenciário Isidoro Francisco Guimarães.⁷

Há também o exemplo de diplomatas estrangeiros que se deixam tentar pela História dos portugueses na Ásia, como o cônsul-geral britânico em Chiang Mai que entendeu juntar-se àqueles que, na altura, duvidavam energicamente da veracidade dos relatos de Fernão Mendes Pinto.⁸

Mais recentemente, em 2006, surgiu a monografia do então conselheiro cultural Jorge Morbey sobre a actual residência dos embaixadores de Portugal em Bangucoque,⁹ no seguimento duma comunicação num seminário na Universidade de Chulalongkorn. É também um exemplo da “tentação historiográfica” em que caem os ocupantes de cargos naquela Embaixada, da conferência ao artigo, até ao “postar” num blogue.

Outros esforços foram mais tradicionais, nomeadamente na promoção de palestras sobre aqueles temas, no empenho na participação de representantes nacionais em simpósios e, duma forma geral, no patrocínio de eventos que consolidem ou despertem os conhecimentos locais sobre o encontro histórico de culturas em que os portugueses se envolveram.

Há também o caso excepcional de *lobbyist* tenaz pelas escavações arqueológicas nos locais de vestígios da presença portuguesa, sendo sempre de ressaltar o empenho do embaixador José de Mello Gouveia em conseguir interessar as autoridades tailandesas (desde logo o Fine Arts Department) e simultaneamente obter apoios financeiros da Fundação Gulbenkian para escavação dos vestígios na Igreja de São Domingos no campo português em Ayutthaya.¹⁰ A angariação de fundos, a obtenção de patrocínios, é de resto uma das facetas modernas da actividade dum diplomata.

Outra área em que os diplomatas portugueses deram o seu contributo foi naturalmente no apoio, de diversas formas, aos investigadores que trabalharam sobre estes temas, desde o arquitecto Khol de Carvalho aos historiadores Leonor de Seabra, Maria da Conceição Flores, Rita Bernardes de Carvalho, entre outros, nomeadamente Miguel Castelo Branco mais recentemente. Apoio traduzido em empenho na superação de empecilhos burocráticos à consulta de

materiais e documentação, e facilitação do espaço de manobra do investigador, ou muito simplesmente pela disponibilização da residência como local de repouso e lazer sempre acessível.

Um das comemorações, em particular quando estamos a falar de aniversário tão marcante como 500 anos (que imediatamente nos distinguem dos demais), constituem um desafio e uma oportunidade insubstituíveis, quer para diplomatas, na medida em que se facilita a acção do Estado com os seus objectivos e agenda próprios, quer para historiadores, que aí encontram premência na publicação de trabalhos, perspectiva de reedição de obras, apoios à feitura e publicação de livros, oportunidades de participar em colóquios e seminários alusivos ou em eventos que careçam do conselho ou da curadoria dum historiador.

O desafio das "Comemorações dos 500 Anos de Relações Diplomáticas entre Tailândia e Portugal" era tanto mais de não perder porque pressupunha uma disponibilidade excepcional de apoio financeiro para as actividades de uns e outros. Virá ao espírito de muitos o notável impulso à historiografia portuguesa que adveio da acção da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, um dos factores, como aponta Walter Rossa,¹¹ do desenvolvimento considerável, nas últimas duas a três décadas, do conhecimento da História da presença portuguesa no Oriente.

As Comemorações dos 500 Anos, *grosso modo* de Outubro de 2010, com a acostagem do navio-escola *Sagres* ao porto de Banguecoque, até Junho de 2012, com a entrega a SAR a princesa Sirindhorn do diploma de sócia-correspondente da Academia das Ciências de Lisboa na residência da Embaixada de Portugal, constituíram um período fértil nesse intercâmbio, nessa "polinização diplomático-histórica".

De referir que estas observações se limitam ao ângulo do diplomata em posto, chegado a Banguecoque em Dezembro de 2010. Os antecedentes, nomeadamente a dimensão institucional na sede, com a criação da "Comissão Comemorações Ásia", no seio do Ministério dos Negócios Estrangeiros, e o contributo específico do Instituto Camões – o ângulo de Lisboa, por assim dizer – deixá-lo-emos para outros.

Tendo presentes os principais eventos dos "500Y",¹² onde é que se identificam os primeiros aspectos desta dinâmica entre diplomatas e historiadores? Na consolidação do programa (que já vinha naturalmente

duma gestação laboriosa pelo menos desde 2009), na solicitação de ideias, nos conselhos quanto ao "trabalho de casa" que o embaixador é obrigado a fazer para mergulhar no material histórico publicado (sem aprofundar até um nível de quase-perito os seus conhecimentos não compreenderá devidamente as opções e as sugestões que lhe vão sendo propostas). Desde os primeiros contactos – no caso em apreço as conversas e as trocas de "e-mails" com o Prof. Vasconcelos de Saldanha¹³ – foi possível constatar a extrema utilidade desta troca de informação, a importância de estabelecer sinergias nos projectos comuns em que nos envolvíamos e a dívida enorme que se vai acumulando para com um historiador perito do tema histórico que estamos a comemorar (cenário que se repetiria para os casos Myanmar e Vietname).

De notar, por outro lado, que a agenda do diplomata não coincide com a agenda do historiador. Um das comemorações desta natureza têm um contexto político-diplomático e inserem-se numa lógica de diplomacia cultural que não são exactamente sobreponíveis aos objectivos de divulgação da historiografia do período em causa. O diplomata aposta, oportunista, no pretexto, no alibi dum comemorações, para prosseguir outros interesses (do estreitamento das relações bilaterais; como catalisador de encontros políticos de alto nível; como plataforma para promoção interesses comerciais; como fonte de entretenimento que cause boas vontades). O historiador tenderá a ver o ano comemorativo mais como marco dum sucessão de eventos históricos e como benesse para o progresso da historiografia portuguesa na área de investigação em causa.

Um dos primeiros eventos do calendário das Comemorações em Banguecoque, o lançamento na Siam Society dum livro de Miguel Castelo Branco sobre o Tratado Luso-Siamês de 1820,¹⁴ logo em Fevereiro, foi paradigmático da importância em contar não só com o apoio institucional clássico (departamentos dos Ministérios dos Negócios Estrangeiros e da Cultura, nomeadamente) mas também de grandes instituições na sociedade civil empenhadas no mesmo combate da divulgação cultural, aliados objectivos da diplomacia cultural: as Universidades e, no caso em apreço, a Siam Society, uma prestigiadíssima agremiação de Banguecoque que leva a cabo um rico programa actividades anuais e que promove a publicação dum das mais importantes revistas de estudos do Sudeste Asiático.¹⁵

DIPLOMACIA

Um segundo evento, a participação num Seminário organizado por terceiros, os “National Museum Volunteers” (o equivalente aos Amigos do Museu Nacional de Banguocoque), subordinado ao tema “500 Years: Europeans in Siam”, com contributos de especialistas de diferentes presenças europeias, e não só a portuguesa, foi também rico em ensinamentos. A maior facilidade na divulgação do evento e na obtenção de público interessado, por ter essa chancela mais vasta, dos europeus, abalou um pouco a nossa ortodoxia em não querer justificadamente diluir o nosso pioneirismo (aliás de quase um século antes da potência europeia seguinte a aportar estas paragens). Constata-se que nalguns casos o ângulo “europeu” poderá ser um veículo para uma mais eficaz demonstração dos nossos “assets” nesta matéria. Pode aliás avançar-se com um exemplo prático: o “cluster” EUNIC da Tailândia¹⁶ está presentemente a estudar a possibilidade de compilar os testemunhos da presença europeia em Banguocoque, que redunde numa espécie de roteiro, que poderá interessar a diferentes públicos, tailandeses e visitantes estrangeiros, e que se concretize na forma duma aplicação – “app” – para telefones 3G e 4G, ou para “tablets” como o iPad. Atendendo ao relevo, poderemos dar a testemunhos portugueses, como as igrejas de Santa Cruz, Rosário e Calvário, ou como o próprio edifício da embaixada, num contexto mais vasto, europeu, poderemos afinal sair grandemente beneficiados em associarmo-nos aos nossos parceiros. (Afigura-se que é um ângulo também a ter em conta quando pensarmos como dinamizar a história dos portugueses em Ayutthaya.)

Os eventos de maior dimensão das Comemorações dos 500 Anos, aquilo que apelidámos de eventos-âncora, foram exemplos muito claros da importância dos historiadores, na curadoria de exposições e na produção de textos de apoio. A exposição elaborada pela Fundação Gulbenkian sobre o património histórico português no Mundo¹⁷; a exposição sobre o legado, no domínio da Arte, do intercâmbio entre siameses e portugueses, a propósito de peças da Coleção Távora Sequeira Pinto¹⁸ (que contava, no catálogo, com um notável texto sobre a história das relações e uma introdução ao respectivo legado artístico da autoria do Prof. Pedro Dias); e a exposição de “Máscaras da Ásia do Museu do Oriente”,¹⁹ foram também ocasiões em que o acerto *in loco* de opções, no diálogo entre Embaixada e os “produtores” das exposições, ilustram a importância desse mesmo diálogo.

O Seminário Internacional de historiadores, co-organizado pela Universidade Técnica de Lisboa/ Instituto do Oriente/ Universidade de Chulalongkorn,²⁰ foi, porventura, a ocasião em que o protagonismo e o contributo de historiadores, peritos no período a ser comemorado, permitiu aprofundar e consolidar o estudo das relações luso-tailandesas. Depositamos a maior confiança nas Actas daquele Seminário como instrumento de grande relevância na continuidade da investigação histórica sobre esta área.

Enquanto nós, portugueses, em cooperação com contrapartes tailandesas, estávamos apostados nesta dimensão académica e científica da celebração da relação, (que também teve naturalmente expressão em Portugal²¹), os tailandeses deram-nos inúmeras provas de igual empenho: envolveram universidades e escolas na explicação aos respectivos públicos do significado dos eventos iniciados em 1511. Houve mesmo eventos organizados ou co-organizados pela Universidade de Ayutthaya,²² pela Biblioteca Nacional de Banguocoque,²³ pela Universidade de Chulalongkorn,²⁴ pela Universidade de Thammasat,²⁵ pela Universidade de Burapha²⁶ e pela Universidade Kohn Kaen.²⁷

Houve um relevante esforço editorial, onde destacaria, pelo seu significado institucional, o “*Festchrift*”, que o Ministério dos Negócios Estrangeiros tailandês encomendou à Siam Society, tendo sido editor Michael Smithies.²⁸ Lá encontramos contributos de nomes da historiografia portuguesa contemporânea ligados ao estudo do Sião, incluindo Maria da Conceição Flores, Jorge Santos Alves e Leonor de Seabra. Também os publicistas tailandeses Krailerk Nana, Prydee Phisphumvidee e Yuwadee Watcharangkul publicaram em 2010 e 2011 trabalhos alusivos aos “500 Anos”.

Uma lição que poderíamos retirar é de quanto as universidades são tantas vezes mais pró-activas que os departamentos do Estado na comemoração destas relações históricas e aliados objectivos dos diplomatas empenhados na promoção do relacionamento.

Outro ensinamento que retiraríamos tem a ver com a multiplicidade dos média e de linguagens (não apenas historiográficas ou museológicas) em que se transmitiu a história dos eventos que se comemoravam. O documentário em dez episódios para televisão com versão reduzida para sala de cinema, da National Broadcasting Corporation, da Tailândia; e a exposição “*Olá Sião!: Five Centuries of Thailand*”

-Portugal Relations” no Museum Siam,²⁹ e eventos à margem, foram exemplos de formas aliantes de atrair outros públicos, nomeadamente a juventude escolar. Afigura-se que formas mais de entretenimento, da comemoração histórica, deveriam ser incluídas cada vez mais num plano de comemorações que queira ter um público o mais lato possível. Neste contexto, a valorização das redes sociais não deve ser esquecida. A Embaixada decidiu, logo no início 2011, dotar-se de uma página no Facebook,³⁰ onde foi colocando informações, anúncios e fotografias dos diferentes eventos. Explorar as potencialidades de uma página específica do Facebook, quando a envergadura dum comemorações o justifica, parece ser uma ilação útil a retirar da nossa própria experiência.

Tem sido tentado que a acção cultural de Bangucoque não fique circunscrita à Tailândia, ou sequer aos postos onde há Leitorados, mas antes ao conjunto dos seis países em que está acreditado o embaixador residente em Bangucoque. Em termos gerais, pugna-se pelo objectivo de estar presente, ano após ano, em cada um desses países, com pelo menos um evento puramente bilateral mais a participação num evento do âmbito da União Europeia (festivais de cinema; iniciativas no domínio das línguas europeias; mostras de fotografia; actividades dos núcleos EUNIC; etc.).

As audiências e os objectivos a atingir com as estas nossas acções nestes países têm que ser vistos em função das características destas sociedades e, muito embora não deva ser descurada a divulgação da modernidade dos criadores portugueses contemporâneos, cremos que não será possível alhearmo-nos do “trunfo histórico” da nossa presença pioneira na Ásia, que é, por vezes, na ausência de penetração empresarial, a única carta de entrada de Portugal no consciente de alguns estes países, muito em particular no Cambodja, Laos e Myanmar.³¹

Deste processo circular de contactos com investigadores de história e historiadores já traqueados em iniciativas de comemoração, bem como no seguimento contactos estabelecemos com os historiadores que uma pesquisa preliminar revelara como essenciais para determinados dos países abrangidos, foi possível chegar a um certo número de ideias (permitimo-nos desde logo citar a troca de ideias, graças ao correio electrónico, com Isabel Augusta Tavares Mourão sobre o Vietname³² e o Laos³³ e com Maria Ana Marques Guedes relativamente a Myanmar³⁴).

Consciente embora das fortíssimas restrições orçamentais que atravessamos, cremos que uma ideia condutora abrangente para a divulgação de Portugal nestes países, nessa perspectiva histórico-cultural, poderia passar por ir preparando o terreno para a comemoração em 2014 do quarto centenário da publicação da *Peregrinação*³⁵ com iniciativas centradas nas referências ali feitas a cada um dos países da área geográfica que cobrimos.

Em 2014, poderia ser lançado em cada um destes países, num evento a definir (expositivo ou programa de expressão artística), uma monografia ilustrada contendo o fac-símile do excerto da *Peregrinação* que alude ao respectivo país (algo que já foi aliás parcialmente feito relativamente às referências ao Sião³⁶) juntamente com a tradução em inglês e com a tradução na língua nacional respectiva (tailandês, laociano, birmanês, khmer, malaio, vietnamita) devidamente anotada. No fundo, adaptar para um público receptor específico – e com as características dum acção de diplomacia cultural – aquilo que foi feito em termos notáveis pela equipa dirigida pelo Prof. Jorge Santos Alves para a edição da *Peregrinação*, de 2010,³⁷ da Fundação Oriente/Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Outra ideia a explorar, havendo mecenas que o concretizassem, seria uma aplicação (“app”) para iPhone e similares, e para iPad, sobre os Portugueses na Ásia, com roteiros, mapas, textos de introdução, passagens e e-book da *Peregrinação*, e até jogos.

Em cada um destes países haverá que, antes de mais, identificar qual o aspecto histórico-cultural que mereceria efectivamente o nosso empenho, assim:

Na Tailândia, poderíamos prolongar o efeito das comemorações 500 Anos,³⁸ incluindo consolidando os projectos levados a cabo pelas comunidades luso-descendentes ligadas à Igreja de Santa Cruz (Thai-Portuguese Cultural Heritage Museum, patrocinado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros tailandês e pela Associação dos Arquitectos Siameses e do Rosário (museu-colecção de objectos alusivos à comunidade *Portuket* na capela Wat Noi). Entroncando com o revisitar de Fernão Mendes Pinto em 2014, prosseguir os esforços na valorização de Ayutthaya, em conjugação com as aspirações da cidade em ser escolhida para realização da Exposição Mundial de 2020.

É possível que o nosso interesse na revitalização do património português em Ayutthaya³⁹ seja melhor logrado num contexto multinacional, incluindo não só

DIPLOMACIA

os *farang* que lá tiveram feitoria e/ou estabelecimentos religiosos mas também os japoneses – trata-se de um dos casos de cooperação internacional que poderia dinamizar as entidades tailandesas responsáveis pela preservação do património.⁴⁰

Na Malásia, e não esquecendo o *atout* do núcleo de ensino da língua portuguesa em Kuala Lumpur, importaria tentar algo na dimensão Malaca, porventura confinado essencialmente a acções de apoio aos *Portuguis* do Bairro Português de Malaca.⁴¹ Quanto aos vestígios arquitectónicos portugueses na cidade, para além do trabalho de recenseamento, sob a égide da Fundação Calouste Gulbenkian, que já foi feito,⁴² permanece a aspiração de restauro dalguns dos vestígios mais importantes (desde logo a Igreja São Paulo). Não deixa, por outro lado, de ser curioso e relevante que a mais imediata celebração e de maior impacto visual da presença portuguesa histórica em Malaca seja a réplica da nau *Flor de la Mar* num molhe da ribeira de Malaca.⁴³

No Myanmar, poderíamos divulgar a historiografia contemporânea sobre portugueses no Pegu e Arracão,⁴⁴ em evento comemorativo dos 500 anos da nossa presença na Birmânia e do património português remanescente.⁴⁵ Só muito recentemente as alterações do regime Naipidau permitem um relacionamento oficial normalizado que sustenha um projecto de comemorações. Também aqui os diplomatas, mais concretamente na acção a levar a cabo pela Embaixada portuguesa, necessitam do apoio dos historiadores e doutros especialistas, para melhor seleccionar aquilo que se pode comemorar. A figura de Filipe de Brito e Nicote, no Sirião, é sempre referida nos livros de história da Birmânia,⁴⁶ e terá, conjuntamente com a vida de Sebastião Gonçalves Tibau, na ilha Sandwip, no mar de Bengala, um enorme potencial mas é um ângulo na *awareness* do público birmanês relativamente a Portugal que comporta alguns riscos. Talvez a figura de Sebastião de Manrique⁴⁷ seja menos polémica e possa servir de possível veículo para um projecto local.

No Camboja, poderia colocar-se o enfoque na primeira descrição ocidental das ruínas de Angkor, por Diogo do Couto, num capítulo da décima segunda das *Décadas da Ásia*, que não chegou a ser publicado mas que foi redescoberto por B-P. Groslier.⁴⁸ Poderá também incluir-se o Camboda no projecto FMP2014. Poderia ser dada alguma atenção, por último, à figura de Diogo

Veloso,⁴⁹ governador no século XVI duma província cambojana (incluindo se Amarante continuasse interessada em promover um dos seus mais célebres conterrâneos).

No Laos, poder-se-ia recorrer às referências ao “Calaminhão” na *Peregrinação*, no quadro da preparação do projecto FMP2014, possivelmente com uma pequena exposição iconográfica em Viçiana e em Luang Prabang.

No Vietname (em cooperação com o Leitorado em Hanói e, eventualmente, com o futuro Centro de Cultura e Língua Portuguesas, em instalações na Universidade de Hanói) seria relevante promover eventos e comemorações para que a Francisco de Pina e a Gaspar do Amaral seja reconhecida a primazia que tiveram nos trabalhos de transcrição fonética da língua anamita (vietnamita) e na concretização do primeiro dicionário de tunkinense-português por Amaral.⁵⁰ A este respeito, dá-nos um grato prazer confirmar a participação no IV Congresso Internacional de Estudos Vietnamitas, a realizar no final de Novembro deste ano, em Hanói, com um trabalho sobre a matriz portuguesa da transcrição da língua vietnamita em caracteres latinos com sinais diacríticos (o *Quoc Ngu*, considerado a “língua nacional”).⁵¹ Será, porventura, um caso paradigmático da profícua interacção entre diplomatas e historiadores. A substância da contribuição provém da historiadora, mas a estratégia de concretizar tal oportunidade de divulgar a figura de Gaspar do Amaral foi um trabalho de cooperação estreita entre Isabel Augusta Tavares Mourão e o embaixador em Banguécoque.

A médio prazo, será de aproveitar estudos historiográficos contemporâneos sobre presença portuguesa no Vietname, incluindo sobre a figura do Pe. Gaspar do Amaral.⁵² É um campo em que a especialista na presença portuguesa no Vietname tem vindo a apresentar-nos sugestões de como comemorar em 2015 eventos centenários de primeira ordem, mas distintos – a chegada dos portugueses e o estabelecimento dos primeiros jesuítas, um século depois.

Esperamos ter deixado claro que o caminho da cooperação estreita entre historiadores e diplomatas, no instrumento específico da diplomacia cultural que são as comemorações de aniversários de grande envergadura, é não só desejável, mas também indispensável. **RC**

NOTAS

- 1 Os nossos interlocutores tailandeses falam de mercenários portugueses no século XVI, mas quase sempre no apoio ao Sião contra os birmaneses e pouco se debruçando sobre a presença de soldados portugueses nas fileiras do Pegu (território que integra a Birmânia); revelam assim uma memória selectiva, preservando a amizade que nos uniu.
- 2 Rita Bernardes de Carvalho, *La présence portugaise à Ayutthaya (Siam) aux XVIe et XVIIe siècles*, Mémoire de Master de Sciences Historiques, École Pratique des Hautes Études, Paris, 2006, p. 11.
- 3 Joaquim Campos, “Early Portuguese accounts of Thailand”, in The Siam Society (ed.), *Selected Articles from The Siam Society Journal*, vol. VII, *Relationship with Portugal, Holland and the Vatican*, Bangucoque, Siam Society, 1959.
- 4 Frederico António Pereira, *Relações de Portugal com Siam e das Modernas Alianças deste País com as Potências Estrangeiras*, Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa, 1887.
- 5 Inácio José d’Araújo Rebelo de Andrade, “Os Portugueses no Sião no contexto da Península da Indochina”, trabalho nunca publicado, mas cujo original dactilografado, datando de 1961, pode ser consultado na biblioteca da Siam Society. Serviu, aliás, para inspirar o autor do presente trabalho na palestra, justamente na The Siam Society, em Janeiro de 2012, “The Portuguese and Siam and its South East Asia Context – Revisited”.
- 6 J. Gomes da Silva *Viagem a Siam*, Macau, Typographia do Independente, 1889.
- 7 “Relatório da Missão Extraordinária de Portugal a Siam de que foi encarregado como Ministro Plenipotenciário de S.M.F. o Conselheiro Isidoro Francisco Guimarães, Governador Geral de Macau, etc. etc.,” Macau, Typographia de J. Da Silva, 1859.
- 8 W.A.R, Wood, “Fernão Mendez Pinto’s Account of Events in Siam”, The Siam Society (ed.), *Selected Articles from The Siam Society Journal*, vol. VII, *Relationship With Portugal, Holland and the Vatican*, cit.
- 9 Jorge Morbey, *Uma Casa Histórica em Bangkok. Residência do Embaixador de Portugal*, Bangucoque, Serviços Culturais da Embaixada de Portugal em Bangucoque/Centro Cultural ICA-IPOR, 2006.
- 10 Ver também, a este respeito, obra já citada de Rita Bernardes de Carvalho, *La présence portugaise à Ayutthaya (Siam) aux XVIe et XVIIe siècles*, p. 12.
- 11 Walter Rossa, “Enquadramento geral; os quês deste volume”, in José Mattoso (dir.), *Património de Origem Portuguesa no Mundo: Arquitectura e Urbanismo: Ásia Oceania*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- 12 Está ser ultimada uma lista quase exaustiva dos eventos realizados no âmbito das comemorações, incluindo os títulos das intervenções feitas nos diferentes seminários e colóquios, que dará uma ideia do espectro da temática discutida, e identifica padrões de temas recorrentes.
- 13 Estamos particularmente gratos a António Vasconcelos de Saldanha por nos ter facultado o seu trabalho *Uma Lição Siamesa*, que foi particularmente útil para colocar a presença dos portugueses em Ayutthaya em contexto,
- 14 Miguel Castelo-Branco, *The Portuguese-Siamese Treaty of 1820. Siam’s First Attempt of Integration into the International Community*, Lisboa, Instituto do Oriente, ISCS, Universidade Técnica de Lisboa, 2011, com um prefácio de António Vasconcelos de Saldanha sobre o enquadramento e justificação das comemorações adequadas dos quinhentos anos de relações luso-tailandesas.
- 15 Quando for altura de tentar alicerçar um programa de comemorações no Vietname ou na Malásia, por exemplo, será importante assegurarmos o mesmo tipo de relação estreita com uma instituição académica ou de sábios, análoga à The Siam Society, para nos ajudar onde o impulso das agências do Estado possa não se revelar suficiente ou o mais eficaz.
- 16 Sobre actividade da EUNIC, que reúne os Intitutos Culturais dos estados-membros da União Europeia, por intermédio duma rede – em expansão - de *clusters* em diferentes países ver www.eunic/online.com.
- 17 A exposição “The Portuguese Historical Heritage Throughout the Worlds and the Calouste Gulbenkian Foundation” sobre a intervenção da Fundação Gulbenkian na identificação, restauro e conservação de património português no Mundo, nomeadamente na Tailândia, no campo português em Ayutthaya, esteve patente ao público no Museu Nacional de Bangucoque, em Maio de 2011.
- 18 A exposição “Portugal-Thailand 500 Years of a Common Past: The Art Legacy. The Távora Sequeira Pinto Collection” esteve patente no Museu Nacional de Bangucoque, no segundo semestre 2011, prolongando-se até Fevereiro 2012. Exibia, à entrada do circuito de exposição permanente, peças da Coleção Távora Sequeira Pinto e peças escolhidas dos museus tailandeses, em que objectos de arte portuguesa de influência asiática poderiam ser cotejados com peças tailandesas reveladoras de influências ocidentais.
- 19 A exposição “Masks of Asia” esteve patente ao público, no Bangkok Art and Culture Center – BACC, em Set.-Out. 2011. Graças ao apoio da Fundação Oriente, 250 máscaras asiáticas, da Índia ao Japão, da colecção Kwok On do Museu do Oriente, incluindo máscaras siamesas em lugar expositivo de destaque, demonstraram a insuspeita riqueza, para o público tailandês, do acervo dos museus portugueses nesta área.
- 20 O colóquio internacional “500 Years of Thai-Portuguese Relations” acabou por ter lugar em Março de 2012 no edifício Maha Chulalongkorn da Universidade de Chulalongkorn, em Bangucoque, e contou com a participação dum importante contingente de historiadores portugueses vindos de Portugal. Foi oficialmente aberto na presença do príncipe herdeiro – SAR Príncipe Maha Vajivalonkorn – o que foi considerado localmente como um gesto de grande significado.
- 21 Nomeadamente, a título de exemplo, o “Colóquio Internacional Portugal e o Sueste Asiático: 500 Anos”, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 4 e 5 de Maio de 2011, organizado por FLUL-CH, embora de entre os trabalhos apresentados não houvesse um contributo especificamente sobre o tema das relações luso-siamesas.
- 22 Simpósio em Ayutthaya, organizado pelo Fine Arts Department sobre a presença portuguesa no Sião. Incluiu visita ao Campo de São Domingos. Coincidiu com o lançamento conjunto, em Portugal e na Tailândia, de selo comemorativo da chegada a Ayutthaya.
- 23 “Archaeology: Ayutthaya and Portugal”, seminário académico patrocinado por NBC na Biblioteca Nacional da Tailândia, Bangucoque.
- 24 “Seafaring/SpiceRoute/Sacred Christ”, seminário académico patrocinado por NBC na Faculty of Arts da Universidade de Chulalongkorn.
- 25 “Siamese-Portuguese Descendants: Language /Architecture / Way of Life”, seminário académico patrocinado pela NBC na Faculty of Liberal Arts da Universidade de Thammasat.
- 26 “Thailand-Portugal 500 Years of Diplomatic Relations”, seminário organizado MNE e ME para estudantes do ensino secundário, na Universidade de Burapha.
- 27 “Thailand-Portugal 500 Years of Diplomatic Relations”, seminário organizado MNE e ME para estudantes do ensino secundário, na Universidade de Khon Khaen.
- 28 *500 Years of Thai-Portuguese Relations: a Festschrift*, edited by Michael Smithies, Bangucoque, The Royal Society Under Royal Patronage, 2011. Contém um preâmbulo do então ministro dos Negócios Estrangeiros, Kasit Piromya.
- 29 Na “Olá Sião!”, actores vestidos com roupas da época desempenhavam os papéis de Afonso de Albuquerque, de Domingos de Seixas, de Fernão Mendes Pinto ou de Maria Guiomar de Pina, entre outros, e entretinham a audiência, maioritariamente juvenil, com falas que

DIPLOMACIA

- tinham sido escritas, com rigor, pelo consultor da exposição, perito na história luso-siamesa. Uma batalha naval simulada, nos jardins do Museum Siam, onde uma réplica duma nau e uma réplica duma fortaleza constituíam o cenário, ensinava ao público, numa linguagem de “Piratas das Caraíbas”, como os portugueses tinham ajudado os siameses a expulsar os inimigos da Tailândia (birmaneses) das cidadelas que tinham ocupado.
- 30 Facebook.com/500Y.Portugal.Thailand
- 31 Se excluirmos, bem entendido, o “factor Cristiano Ronaldo/Mourinho”, já que a popularidade do futebol, e em particular do futebol europeu, é um fenómeno muito evidente em todo o Sudeste Asiático.
- 32 Ver em geral de Isabel Augusta Tavares Mourão, “Olhares Portugueses sobre o reino do Dai-Viet no século XVI e na primeira metade do século XVII”, in *Oceanos* n.º 32, Outubro-Dezembro 1997, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1997, p. 105-117; “Aspectos da presença portuguesa na Cochinchina e no Tun Kim (Vietname)”, in Rosa Maria Perez (coord.), *Os Portugueses e o Oriente. História, Itinerários, Representações*, Lisboa, D. Quixote, 2006, p. 255-273; *Portugueses em Terras do Dai-Viêt (Cochinchina e Tun Kim) 1615-1660*, Macau, IPOR/Fundação Oriente, 2005.
- 33 Isabel A. Tavares Mourão, “Notícias dos Laos...”, in *Oceanos* n.º 32, pp. 87-101.
- 34 Maria Ana Marques Guedes, *Interferência e Integração dos Portugueses na Birmânia, ca 150-1630*, Lisboa, Fundação Oriente, 1994.
- 35 Valorizando porventura pergaminhos na Literatura de Viagens e a figura de Fernão Mendez Pinto como antecessor dos modernos “Travel Writers” – dos Bruce Chatwin aos colaboradores do *Lonely Planet* (Quem sabe se esta última empresa não poderia ser *co-sponsor* de tal projecto?).
- 36 Michael Smithies, “Siam in Mendes Pinto’s Travels”, in idem (ed.), *500 Years of Thai-Portuguese Relations: a Festschrift*, cit.
- 37 Jorge Santos Alves (ed.), *Fernão Mendes Pinto and the Peregrinação. Studies, Restored Portuguese Text, Notes and Indexes*, Lisboa, Fundação Oriente/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010.
- 38 Daí equacionarmos incluir a exibição em Banguecoque duma adaptação da exposição “Das Partes do Sião”, levada a cabo em Lisboa pela Biblioteca Nacional, em colaboração com o Instituto do Oriente /UNL, no final de 2011.
- 39 Ver de Rita Carvalho, “Ayuttaya [Ayuthia/Ayudhia/ Odiá/ Bandel de Sião] Enquadramento Histórico e Urbanismo”, in José Mattoso (dir.), *Património de Origem Portuguesa no Mundo: Arquitectura e Urbanismo: Ásia Oceania*, cit., pp. 426-427.
- 40 Fine Arts Department e, mais recentemente, o Siamese Heritage Trust constituído como entidade autónoma no seio da The Siam Society de Banguecoque.
- 41 Propomo-nos, por exemplo festejar o Dia da Língua Portuguesa e das Culturas Países CPLP, num 5 de Maio, em Malaca. Também, mas já numa perspectiva médio prazo, ir lançando semente da possibilidade de vir a ser organizado em Malaca um dos Encontros de Escritores de Língua Portuguesa, como o que se realizou recentemente em Natal.
- 42 Ver de Pedro Dias, “Mallaca [Malaca] Enquadramento Histórico e Urbanismo; Arquitectura Militar; Arquitectura Religiosa”, in José Mattoso (dir.), *Património de Origem Portuguesa no Mundo: Arquitectura e Urbanismo: Ásia Oceania*, cit., pp. 448-454.
- 43 A réplica da famosa nau de Albuquerque que naufragou no golfo de Andaman é uma das grandes atracções turísticas de Malaca. Foi mandada construir pelo então primeiro-ministro da Malásia, Dr. Mahathir Mohamad, alegadamente depois duma viagem à Europa em que se teria deslocado privadamente a Portugal. (Já nos ocorreu que poderia tentar concretizar-se algo de análogo, de óbvio impacto visual, em Ayuthhaya junto ao pequeno cais do bairro português).
- 44 Maria Ana Marques Guedes *Interferência e Integração dos Portugueses na Birmânia, ca 150-1630*, Lisboa, Fundação Oriente, 1994; e da mesma autora, “D. Martim an Arakanese Prince at the Service of Estado da India, and of Portugal’s Designs for the Submission of Burma”, in Francis A. Dutra, João Camilo dos Santos (EDS.), *The Portuguese Discoveries in the Pacific*, Santa Barbara, Center for Portuguese Studies, University of California, 1995.
- 45 Maria Ana Marques Guedes “Thanlyin [Sirião/ Syriam] (Myanmar/ Birmânia) Arquitectura Militar – Forte e Igreja de Santiago”, in José Mattoso (dir.), *Património de Origem Portuguesa no Mundo: Arquitectura e Urbanismo: Ásia Oceania*, pp. 461-462.
- 46 Thant Myint-U, *The River of Lost Footsteps: A Personal History of Burma*, Nova Iorque, Farrar, Strauss and Giroux, 2006. Num subcapítulo intitulado “From the Rio Tejo” /pp. 76-79 conta o episódio e refere a amizade de Brito (que os birmaneses chamavam Nga Zinga, “o homem bom), com o príncipe Natshinnaung, o qual embora um dos mais celebrados poetas clássicos birmaneses não deixa de ser um príncipe de sangue que abjurou o Budismo. Thant Myint-U confirma que pouco resta do legado de Brito no Sirião, à excepção das ruínas de tijolos dum muro e duma igreja católica, mas aponta que, em Henzada, há um pequeno pagode com uma inscrição onde se lê que foi construído por “Nanda Baya e sua irmã Supapa Devi”, filhos duma senhora arraquanesa Saw Thida e “do Feringhee Nga Zinga, rei do Sirião”. Ver também: G. E. Harvey, *History of Burma: From the Earliest Times to 10 March 1824: The Beginning of the English Conquest*, Londres, Frank Cass & Co, 1925 e Maria Ana Marques Guedes, “O estabelecimento português no Sirião segundo uma crónica birmane” in *Oceanos* n.º 32, pp. 35-43.
- 47 Michael Collins, *The Land Of The Great Image: Being Experiences of Friar Manrique in Arakan*, Londres, Faber and Faber, 1946.
- 48 B. P. Groslier, *Angkor and Cambodia in the Sixteenth Century: According to Portuguese and Spanish Sources* (trad. Michael Smithies), Banguecoque, Orchid Press, 2006, (originalmente publicado em 1958, em Paris).
- 49 Diogo Veloso, ou Diego Beloso em fontes espanholas, natural de Amarante, ajudou, com Blás Ruiz, à pacificação do Camboja em 1598 e à consolidação no poder do rei Barom Reachea II, que o nomeou governador da província Baphnon (onde ainda poderá existir um padrão que lhe erigiu o Residente colonial francês no Camboja, em 1934). Ver Pe. Manuel Teixeira, *Portugal no Camboja*, Macau, Direcção dos Serviços de Turismo, 1983. Para uma epopeia romaneada destes dois aventureiros ler Gabriel Quiroga de San Antonio, *Les derniers conquistadores. La non-conquête du Cambodge*, Toulouse, Ed. Anarchasis, 2009.
- 50 Roland Jacques, *Portuguese Pioneers of Vietnamese Linguistics Prior to 1650. L’œuvre de quelques pionniers portugais dans le domaine de la linguistique vietnamienne jusqu’en 1650*, edição bilingue, Banguecoque, Orchid Press, 2002; “Le Portugal et la romanisation de la langue vietnamienne. Faut-il réécrire l’histoire?”, in *Revue Française d’histoire d’Outre-Mer*, tome 85 (1998), n.º 318, p. 21-54; “Aux origines du Quoc Ngu: Quelques observations sur les circonstances historiques et l’environnement scientifique des premiers écrits sur la phonétique vietnamienne”, in *Tap San Khoa Hoc A-DHTH TP HCM – Annals of HCM City University*, 3 (1995), Vietnam, pp. 93-109.
- 51 Isabel Augusta Tavares Mourão e Jorge Ryder Torres-Pereira “Portuguese Language as Matrix of the Written Vietnamese (Quoc Ngu), and its Historical Impact on the Sustainability of Viêt Nam’s Development”, IV International Conference of Vietnam Studies, University of Hanoi, 25-28 November 2012.
- 52 Sobre a vida do Pe. Gaspar do Amaral ver Isabel Augusta Tavares Mourão, *Gaspar do Amaral S.J. (1594-1646). La vie et l’œuvre d’un jésuite portugais fondateur de la mission jésuite du Tun Kim à la cour des Trinh*, tese de doutoramento defendida na École Pratique des Hautes Études (Sorbonne) em 19 Outubro 2011), 3 vol., Paris, EPHE, 2011. Ocorre sugerir que poderia ser equacionada a instituição de “Bolsas Gaspar do Amaral”, que incentivassem o estudo em Portugal de estudantes universitários vietnamitas.